

**O conhecimento “local” do assentamento Pedro Inácio do MST
(ou o conhecimento de Pedro, Inácio, Matilde, Marluce, Luci,
Rodrigo, Renata, Maria Rívia, Rita, Tiana, Severino, Solange,
Biuzinha...)**

MARCOS MORAES VALENÇA

2011

Doutoramento em Pós-colonialismos e Cidadania Global
Centro de Estudos Sociais/Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

1. Introdução

Desde 2005, venho pesquisando sobre e comⁱ o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST, convivendo, inclusive, num assentamento. Trata-se de um espaço comunitário com muitas histórias de vida, repletas de uma infinidade de conhecimentos, crenças, sabedorias.

Com este trabalho pretendo discutir sobre a importância de compreender o conhecimento “local” e acredito que o ato de escuta é fundamental para isso. Assim, trago, como campo de análise e reflexões, o assentamento Pedro Inácio do MST, localizado no município de Nazaré da Mata, no estado de Pernambuco.

Sublinho que tive a necessidade de entrevistarⁱⁱ duas assentadas, estudantes do curso superior de Licenciatura em Pedagogia, curso ministrado pela Universidade de Pernambuco ao MST, para fazerem alguns esclarecimentos.

Destaco que este trabalho abrirá caminhos para eu me aprofundar, na pesquisa de campo, nas questões aqui apresentadas. Portanto, não pretendo findá-las neste momento - e nem possuo condições para isso -, mas, sim, iniciá-las.

Na construção deste trabalho, novas idéias foram surgindo e percebi o quanto este contribuiu para o meu projeto de tese.

2. Pedro e Inácio morrem para dar vida ao Assentamento

Antigo Engenho Camarazal, situado na zona da mata do estado de Pernambuco, o assentamento Pedro Inácio nasce com mortes. No dia 09/06/97, pistoleiros invadem e atiram nos acampados, ferindo cinco pessoas, inclusive duas crianças, e matam dois homens: Pedro Augusto da Silva, de 19 anos e Inácio José da Silva, de 42. Eram cunhados. Os corpos de Pedro e Inácio foram jogados no rio Capibaribe, a 30km do Engenho. No mesmo ano, o engenho foi desapropriado para a reforma agrária. Os assassinos permanecem impunes. No ano de 2007, quando fazia 10 anos do “Massacre de Camarazal”, como o episódio ficou conhecido, houve a produção de um vídeo “Armas não atiram rosas”.

Quem assiste ao vídeoⁱⁱⁱ, percebe que trata-se de um povo marcado pela violência, inclusive, com balas que passaram por alguns corpos. Marluce, irmã de Inácio, mostra, no vídeo, a bala em seu corpo. Tive a oportunidade de conhecê-la. Mulher corajosa, sem medo da morte e que diz que por ter passado pelo que passou, enfrenta qualquer situação na vida, não teme nada. Contudo, não passa rancor, passa coragem.

Devido a morte dos acampandos, Pedro e Inácio, o assentamento passou a ser chamado de Pedro Inácio. O Movimento cultiva a origem do Assentamento, marcada pela violência. Pode-se encontrar ainda hoje, na casa antiga do Engenho, que atualmente é utilizada para reuniões e outras atividades, fotos do dia da tragédia, inclusive, fotos dos caixões dos cunhados mortos (Ver figura 1).

O assentamento Pedro Inácio situa-se numa área muito bonita, com muito verde das árvores que substituíram o da cana. Ao sairmos da BR, entramos no Assentamento e, aproximadamente, a uns duzentos metros, vemos a bandeira do Movimento presa a uma haste. No Assentamento existe um riacho. Além da casa grande do Engenho, encontram-se uma escola municipal - para alunos do ensino fundamental e do programa de Educação de Jovens e Adultos - EJA, um curral, um campo de futebol e as casas.

As casas do Assentamento são simples - algumas com bastantes plantas e bem cuidadas, outras menos zeladas. Possuem instalações elétricas e não há sistema de abastecimento de água e esgoto. A água usada para fins domésticos é captada em um poço e um chafariz, e para a agricultura e o tratamento dos animais, utilizam a água do riacho, como lembra Mendonça (2007). Algumas casas possuem uma venda - pequeno comércio com produtos, que variam do pão, confeitos, canetas à refrigerantes.

Próximo ao Assentamento, há um posto de saúde. O transporte municipal de Nazaré da Mata atende aos moradores e moradoras do Pedro Inácio, por este estar localizado próximo a BR.

O Assentamento possui uma área de 544 hectares, onde vivem cerca de 125 famílias, das quais 79 estão cadastradas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA - e as outras geradas pelos descendentes do(a)s assentado(a)s. Cada família possui 6 hectares.

Chamo a atenção de que os nomes no subtítulo deste trabalho são de pessoas que existem - crianças, jovens, adultos, velhos - do mundo rural. Pessoas em que o seu dia a dia se passa no assentamento Pedro Inácio.

Os assentados e assentadas do Pedro Inácio são constituídos por ex-funcionários e ex-funcionárias do próprio Engenho Camarazal, antigos e antigas agricultores e agricultoras da cana, pequenos(as) comerciantes. Alguns, oriundos de outras cidades, assim como de outros estados brasileiros.

Os agricultores e as agricultoras do Assentamento utilizam a agricultura, em sua maioria, para a subsistência. Um pequeno número deles e delas comercializa produtos na feira do município. Macaxeira, milho e feijão são as culturas mais

comuns que cultivam no Assentamento. Além da agricultura, alguns assentados e assentadas possuem animais: cavalo, boi, galinha...

Mendonça (2007) destaca que as famílias que moram no Assentamento são constituídas, em sua maioria, de forma tradicional, por marido, esposa e filhos, apesar de também encontrarmos mulheres viúvas que vivem apenas com seus filhos. Sublinho que algumas mulheres, além dos afazeres domésticos, ainda trabalham na agricultura, acordando bastante cedo, diariamente, para se dirigirem à parcela^{iv}.

Sábado é o dia em que, no período da manhã, um grande número de assentados e assentadas vão à feira do município - ou para comercializarem os produtos cultivados no Assentamento ou para comprarem.

Quanto ao lazer, destaca-se o período de Carnaval, onde mantêm a tradição da dança do boi, dança típica do nordeste brasileiro. Além do Carnaval, destacam-se a data do aniversário do Assentamento e outras.

A escola que se localiza dentro do Assentamento é frequentada pelas crianças do Assentamento, assim como de áreas vizinhas, para o ensino fundamental, e por adultos do Assentamento, para a Educação de Jovens e Adultos. Para os adultos é baixo o índice de escolaridade. Destaco que todas as crianças assentadas estudam. Alguns jovens estudam numa escola estadual, localizada no centro de Nazaré da Mata, e cinco jovens estudaram e se formaram na Universidade de Pernambuco - UPE - também localizada no centro do município. Quatro jovens fizeram o curso superior de Licenciatura em Pedagogia, e uma outra fez o curso Normal Médio^v.



Fig. 1: Foto tirada dentro da antiga casa-grande do Engenho, onde os Sem Terra preservam a memória do “Massacre Camarazal”, expondo fotos de Pedro e de Inácio, além do cortejo com os seus caixões. Foto tirada por Edilene Guimarães, em 2006.



Fig. 2: Foto tirada da sacada da casa-grande, onde ressalta a paisagem verde, o curral, alguns animais, algumas casas com alguns assentados e assentadas. Foto tirada por Edilene Guimarães, em 2006.



Fig. 3: Paisagem do assentamento Pedro Inácio. Foto tirada por Edilene Guimarães, em 2006.

3. Nós e o Pedro Inácio

Desde 2005 que estamos tendo contato com o MST, a partir de uma pesquisa voltada às questões referentes à Educação, que, em seguida, foi ampliada às questões ambientais, quando, formalmente, criamos o grupo de pesquisa *Educação Ambiental e Movimentos Sociais*, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de

Pernambuco - IFPE, antigo CEFETPE. Após contatos com pessoas do MST, responsáveis pelo setor de Educação, assim como Produção (onde o Ambiental fica subordinado), nos escritórios de âmbitos regional e local, em Caruaru e Recife, respectivamente, o Movimento nos indicou o assentamento Pedro Inácio para realizarmos a pesquisa-ação que pretendíamos. Tivemos, eu e o grupo de pesquisa, constituído por educadores e educandos e educandas do curso superior de Gestão Ambiental, do IFPE (CEFETPE, na época) e de outras instituições, que pertenciam ao nosso grupo de pesquisa, umas idas constantes (uma média quinzenal) ao Assentamento, que se localiza a, aproximadamente 60 km de Recife. Lá, fizemos diagnóstico socioambiental, através de reuniões, oficinas com as lideranças do Assentamento, assentados e assentadas, em geral, adultos, jovens e crianças, grupo de mulheres artesãs, etc. Além do grupo de pesquisa, levei, na condição de professor de Projeto Interdisciplinar em Educação Ambiental, duas turmas de educandos e educandas do curso de Gestão Ambiental, para realizarem oficinas de Educação Ambiental com os assentados e as assentadas, assim como professores de outras disciplinas (Ver uma das turmas na fig. 4). Por fim, levei, junto com outros professores, educandos(as)-professores(as) de Educação de Jovens e Adultos - EJA, do curso de Especialização em EJA, na condição de professor de Projeto Político-Pedagógico, onde foi proporcionado um diálogo entre os(as) educandos(as)-professores(as) com os assentados e as assentadas.

Valença, Mendonça e Gonçalves, no artigo “Da sala de aula para o assentamento” declaram:

Destaque-se que a instituição não pode ser reduzida a um espaço de reprodução do conhecimento. Ao produzirmos novos conhecimentos, enquanto grupo de pesquisa, saímos da sala de aula e fomos, tanto em nível de ensino quanto de pesquisa, ao Assentamento Pedro Inácio, por meio de intervenções, provenientes da pesquisa-ação, que se constituem práticas de educação ambiental. Sair da sala de aula para o assentamento é oportunizar a aproximação de uma realidade que se distancia, sobremaneira, da visão construída pela sociedade, dando lugar a um diálogo mais significativo entre a teoria e a prática, o ensino e a pesquisa, a desigualdade social e a sociedade de consumo. O que esperamos dar em troca a essa parcela da sociedade está relacionado com a construção do conhecimento através desse diálogo, proporcionando uma reflexão crítica acerca da sua realidade. (Valença et al., 2006: 79)

Nas constantes idas, criamos uma relação saudável, onde nos familiarizamos com uma boa parte dos assentados e das assentadas, gerando laço de afeto e admiração. Apesar de termos realizado uma série de oficinas para aquele povo simples, inteligente e bom, não posso negar que recebemos bem mais do que oferecemos. Apesar de que na preparação dos(as) educandos(as) de Gestão Ambiental para as oficinas de Educação Ambiental, baseava-me no que o nosso grupo de pesquisa diagnosticava sobre as necessidades dos assentados e das assentadas. Hoje, até me

pergunto se, mesmo com toda essa postura e preocupação que sempre tive em respeitar OS OUTROS, sabendo escutá-los, ensinando aos meus educandos e às minhas educandas sobre o rico saber que iriam encontrar nas pessoas do Assentamento, além de ter escutado dos próprios assentados e das próprias assentadas que reconheciam que tínhamos uma grande preocupação com a melhoria da qualidade de vida deles, fico refletindo se agi corretamente, se não precisava ainda escutar mais. Creio que se colocassem os meus educandos e educandas em um lado da balança e os assentados e assentadas no outro lado, o peso de preocupação maior era para o lado dos educandos e educandas, devido a condição de professor que possuo. Assim, sinto que poderia ter conhecido mais os assentados e assentadas. Lembro que, com toda cautela em relação à ética de um pesquisador, após alguns meses de pesquisa, marquei um encontro no escritório regional do MST, em Caruaru, a aproximadamente 140 km de Recife, com o responsável pelo setor de Produção para dar um retorno ao Movimento, através dos trabalhos que eu e minhas educandas-pesquisadoras havíamos apresentado em congressos da área de movimentos sociais, educacional ou socioambiental, sobre o MST. Ao chegarmos lá, no escritório, ficamos sabendo que o líder do Movimento, no estado de Pernambuco, estava preso e não pudemos ser atendidos pelo responsável do setor de Produção. Aquilo me chamou bastante atenção. O MST está em constante luta em prol de seus objetivos e ainda tem de, constantemente, enfrentar uma luta contra o setor jurídico brasileiro^{vi}. Naquele momento, era mais importante o Movimento tentar tirar o líder da prisão que ouvir trabalhos acadêmicos, naturalmente.

Outro fato que me marcou, durante esse contato com o Movimento, foi quando levamos para o Assentamento, num dia de sábado, uma de nossas turmas de Gestão Ambiental para realizarem as oficinas de Educação Ambiental e, quando lá chegamos, soubemos que havia falecido um dos assentados na noite anterior. No período da manhã, os(as) nossos educandos(as) contaram com a presença de um grande número de crianças do Assentamento, porque uma grande parte dos adultos havia ido para o cemitério. O Assentamento estava triste, naturalmente, por ter perdido um de seus membros. No período da tarde, participaram das oficinas apenas os adultos mais próximos, que sempre nos ajudam a viabilizar^{vii} a nossa ida com os(as) educandos(as).

Certa tarde, quando fui ao Assentamento com alguns educandos e educandas do grupo de pesquisa, fomos a casa de um casal de assentados que sempre nos ajuda na viabilização de nossas intervenções, Luci e Rodrigo, e conversando com eles, para marcarmos outro encontro, percebi como o horário do almoço é “sagrado”, a hora da

filha mais velha ir à escola, assim como o grupo da reza que a mãe faz parte. Percebi que a família e os seus costumes possui um grande valor para eles e, obviamente, precisavam ser respeitados.

Trago esses fatos para mostrar que o Assentamento faz parte de um movimento social, existe oriundo de um planejamento, mas possui sua vida própria, seu tempo, seu ritmo, seus valores, seu carinho, com um simples e delicioso bolo de macaxeira, bem quente - por ser feito na hora -, acompanhado com suco de acerola - que tivemos o privilégio de ter como lanche, em algumas de nossas idas. Assim, nós, com nossas pesquisas, podemos possuir toda a boa intenção do mundo, mas temos de respeitar a vida do lugar, respeitar as pessoas, O OUTRO, o outro estilo de vida, a outra lógica.

Destaco e concordo com Shiv Visvanathan ao relacionar o pesquisador como testemunho:

Ao contrário do observador e do espectador, a testemunha vive o seu testemunho por inteiro. A testemunha não é um observador neutro, sendo marcada pelo mundo da vida que viu e do qual tem de dar testemunho. Ao interagir com os papéis referidos, o próprio cientista pode perceber que tem de ser testemunha, podendo efectivamente tornar-se naquilo a que podemos chamar um local, alguém que age e sobre o qual se age. Experimenta com os outros e consigo mesmo. Esse enraizamento duplo da ciência cria um quadro filosófico diferente, pois o cientista já não vê a ciência como algo desincorporado e desenraizado. (Visvanathan, 2004: 771)

Lembro que uma de nossas turmas de educandos(as), quando preparada, no semestre acadêmico, em 2006, para intervirem no Assentamento, com oficinas de Educação Ambiental, ficaram, de certa forma, assustados, pois não sabiam com quem iam lidar, devido a gama de informações negativas que sempre receberam, através da mídia tradicional. Dentre os(as) educandos(as), haviam duas que eram policiais militares. Uma semana depois do trabalho que tiveram a oportunidade de realizar, no Assentamento, já na sala de aula, foram unânimes ao dizerem que haviam aprendido mais que ensinado, descobriram que se tratavam de pessoas simples e boas, que possuem muito o que nos dizer. Estavam encantadas e encantados com a experiência e a descoberta daquela gente simples e com muito conteúdo, do assentamento Pedro Inácio.

Como já disse anteriormente, apesar de sempre ter tido a preocupação de preparar as minhas educandas e os meus educandos para o contato com comunidades de pessoas que vivem de uma forma social, cultural e econômica diferenciada, de um outro contexto, como é o caso das assentadas e dos assentados, dizendo que esses e essas possuem um conhecimento popular bastante rico, necessário para compreendermos melhor a realidade e tentarmos nos aproximar mais da "verdade",

tentando criar um elo entre a teoria e a prática, sempre fundamentando-me em Freire (1988, 2003), hoje, repenso o que, até então, vinha ensinando, pois esses locais específicos, essas gentes singulares, certamente, possuem conhecimentos - no plural - e nós, pesquisadores, devemos ter cautela e antes de já definirmos, com antecedência, chegarmos, humildemente, e tentarmos conhecer que conhecimentos são esses. Ou seja, descubro que conhecimento “local” não é, necessariamente, sinônimo, apenas, de conhecimento popular.

Encontro-me distante do assentamento Pedro Inácio, com o Oceano Atlântico nos separando, mas fico feliz por ainda, com toda distância, estar mantendo contato com as pessoas daquele lugar, através de telefonemas, via Internet ou por meio de pessoas do grupo de pesquisa que tornam-se o elo entre mim e os assentados e as assentadas, assim como uma professora do IFPE que lá continua levando turmas de educandos(as). Mas, com essas reflexões, sinto uma extrema necessidade de lá voltar e conhecer melhor os conhecimentos que ali existem, com os Sem Terra com toda sua multiplicidade de origens étnicas e culturais, como destaca Caldart (2004).



Fig. 4: Foto do trabalho de oficina de Educação Ambiental de nossos educandos e das nossas educandas do curso de Gestão Ambiental com as crianças do assentamento Pedro Inácio. Abaixo, foto das crianças do Assentamento assistindo a um teatro de fantoches, no terraço da casa-sede, no mesmo evento. Fotos tiradas por Edilene Guimarães, em 2006.



Fig. 5



Fig. 6: À esquerda, assentadas que prepararam o almoço no dia das oficinas de Educação Ambiental, com produtos do próprio assentamento. À direita, nossos educandos e nossas educandas. A mesa foi posta com a bandeira do MST. Foto tirada por Edilene Guimarães, em 2006.

4. Oxente, a África, o nordestino e o MST, tudinho jogado no mesmo saco? E pode?

A idéia passada, de forma generalizada, sobre a África, sobre o nordestino e sobre o MST é fragmentada e distorcida. Estereótipos são criados em relação a esse continente, ao povo da região nordeste do Brasil e ao movimento social em prol da reforma agrária.

A África é associada a um continente selvagem, com bichos ferozes, com uma população atrasada. Muitas pessoas, sem obviamente nunca o terem visto, dizem que o Mia Couto, escritor moçambicano, atualmente, difundido em todo o mundo, é negro, por ser africano. Meneses analisa os estereótipos que vêm definindo a África como, dentre outras denominações, o local do “pecado” e do “bárbaro irracional”:

O imaginário ocidental é responsável pelo fabricar da trama que iria transformar, a partir do séc. XVIII, de África enquanto as antípodas da modernidade ocidental: a África como a natureza inexplorada, não utilizada (ou seja, espaços desocupados, terras inaproveitadas, de recursos minerais inexplorados), assim como um local de pecado (onde a fantasia sexual afecta homens e mulheres), ou seja, o local do bárbaro irracional, domínio das emoções, onde poderia acontecer tudo o que a racionalidade iluminista não concebia como possível, como humano, como apanágio da civilização. (Meneses, 2007: 59)

O nordestino é um povo brasileiro de uma região constituída por 9 estados^{viii}, justamente a região do Brasil que possui mais estados, com suas diversas e distintas manifestações culturais e histórias de seus povos diversos - sejam do litoral, da zona da mata, do agreste, do sertão, de grandes metrópoles ou de cidades rurais, de aldeias indígenas, de quilombos, de assentamentos do MST ou de outros movimentos sociais, sejam mulheres rendeiras, quebradeiras do babaçu, tapioqueiras, baianas do acarajé, donas de casa, cantoras, empresárias, desempregados, pescadores, políticos, pesquisadores, banqueiros, estudantes, escritores, miseráveis, pobres, da classe média, ricos, milionários, fazendo parte da linha abissal - alguns, do lado visível; a maioria, do invisível (Santos, 2007). Todavia, o nordestino é sempre associado ao da caatinga, que, entre a década de 60 e 80, passou a emigrar para o sudeste brasileiro, notadamente, São Paulo e Rio de Janeiro, e/ou outras regiões do país, devido a desigualdade de renda com a grande concentração fundiária, estimulada pela “indústria da seca”. Nota-se a razão metonímica (Santos, 2006).

O nordeste do Brasil é também a terra de muitos *Severinos*, assim como, de muitos João Cabral de Melo Neto, que produziram literatura que fala dos povos brasileiros. Em *Morte e Vida Severina*, João Cabral traz a voz de alguns desses Severinos nordestinos:

– O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.

Mais isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.

Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.

Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.

E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,

a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,

a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.
(Neto, 2007)

Há Norte e Sul no Norte e no Sul. Há linhas abissais (Santos, 2007) no Norte, assim como no Sul. Há nordestes e sudestes brasileiros no Norte e no Sul. Há Severinos e Severinos, assim como os Joões Cabrais e os Mia Coutos no Norte e no Sul. Sublinho uma passagem no livro *Pedagogia do Oprimido*, onde uma educadora relatou a Paulo Freire que, estando numa rua norte-americana, ao problematizar uma situação a um dos grupos de área pobre de Nova Iorque, com uma grande quantidade de lixo, um dos participantes falou: “Vejo uma rua da África ou da América Latina” e a educadora indagou por que não via uma rua de Nova Iorque, daí o participante afirmou: “somos os Estados Unidos e aqui não pode haver isto” (Freire, 1988).

Meneses comenta sobre a relação Norte-Sul, com suas diferenças hierarquizadas - no âmbito político, econômico e do conhecimento - para se compreender a colonização epistêmica:

A constituição mútua do Norte e do Sul e a natureza hierárquica das relações Norte-Sul estão cativas da persistência das relações capitalistas e imperiais. A relação colonial de exploração e dominação persiste nos dias de hoje, sendo talvez a colonização epistêmica o eixo mais difícil de ser abertamente criticado. A relação global etno-racial dos Europeus vis a vis os não europeus é parte da relação global capitalista; nos dias de hoje esta relação é personificada pela expressão Europa como “sociedade do conhecimento”, assumindo-se implicitamente a existência de um espaço subalterno onde se “localizam” os conhecimentos dos outros povos. Esta hierarquização de saberes, justamente com a hierarquia de sistemas econômicos e políticos, assim como com a predominância de culturas de raiz eurocêntrica, tem sido apelidado por vários acadêmicos de “colonialidade do poder”(Said, 1978; Césaire, 1978; Dussel, 1994; Quijano, 2000; Santos, 2003). Uma das expressões mais claras da colonialidade das relações de poder acontece com a persistência da colonização epistêmica, da reprodução de estereótipos e formas de discriminação. Os grupos identitários considerados inferiores, ou seja, os que estão nos escalões mais baixos da hierarquia etno-racial estão normalmente associados a imagem e representações negativas. Se antes os africanos eram os preguiçosos sem saberes, hoje a África negra é o continente atrasado, necessitando de ajuda internacional econômica e científica do Ocidente para se afirmar no espaço mundo. Essa posição procura explicar nos nossos dias a especificidade africana como distinta ou exótica, fazendo com que as propostas de alternativas se tornem quase irrealizáveis. O legado africano dissolve-se internamente, impossibilitando que esta experiência tão rica possa ser absorvida por um *corpus* teórico mais amplo, integrando África no mundo, em lugar de sistematicamente a marginalizar ou excluir. Ou seja, embora a cultura

racista não tenha sido conceptualizada como instrumental para a acumulação capitalista, ela foi e continua a ser parte integral e uma característica essencial do capitalismo moderno." (Meneses, 2007: 71-72)

O Norte criou uma hierarquia no conhecimento. Um bom exemplo para a compreensão desta relação vertical do Norte com o Sul, é o museu, como bem destaca Visvanathan, referindo-se à relação específica do Ocidente com o Oriente:

The museum as an institution represented the paradox of East-West encounters caught in the grip of evolutionary metaphors, which created not only a hierarchy of cultures but sanctioned violence as a legitimate tactic against those labelled 'primitive', 'simple', 'traditional' or 'backward'. The museum embodied the logic of progress that valorized one society over another. (Visvanathan, 2003: 70)

A ciência moderna ocidental hegemoniza a idéia de que o conhecimento único é o eurocêntrico, porém alertamos os fundamentalismos, sejam eurocêntricos ou não, pois trazem em comum, como alerta Grosfoguel (2008), a premissa de que só há uma tradição epistêmica para se chegar à verdade e à universalidade.

Santos (2006) chama a atenção da existência de outras formas de conhecimento, como filosófico, artístico, religioso, literário. Diz que não há uma forma para a diversidade epistemológica do mundo. Segundo o autor, a ecologia dos saberes:

é um conjunto de epistemologias que partem da possibilidade da diversidade e da globalização contra-hegmonica e pretendem contribuir para as credibilizar e fortalecer. Assentam em dois pressupostos: 1) não há epistemologias neutras e as que clamam sê-lo são as menos neutras; 2) a reflexão epistemológica deve incidir não nos conhecimentos em abstracto, mas nas práticas de conhecimento e seus impactos noutras práticas sociais. Quando falo de ecologia de saberes, entendo-a como ecologia de práticas de saberes. (Santos, 2006: 154)

Dussel alerta o conhecimento proveniente da América Latina:

Es ya habitual decir que nuestro pasado cultural es heterogéneo y a veces incoherente, dispar y hasta en cierta manera marginal a la cultura europea. Pêro lo trágico es que se desconozca su existência, ya que lo relevante es que de todos modos hay una cultura en América Latina. Aunque lo nieguen algunos, su originalidade s evidente, en el arte, en su estilo de vida. (Dussel, 2005: 4)

Mignolo (2003) apresenta uma das respostas epistêmicas do subalterno ao eurocentrismo, através do pensamento crítico de fronteira. Não se trata de rejeitar a modernidade. As epistemologias de fronteira, a partir do subalterno, ou seja, de suas cosmologias e epistemologias, fazem uma redefinição da retórica emancipatória da modernidade. Segundo Grosfoguel, "O pensamento de fronteira não é um fundamentalismo antimoderno. É uma resposta transmoderna descolonial do subalterno perante a modernidade eurocêntrica" (Grosfoguel, 2008: 138).

Por fim, destaco a questão colocada por Dussel de que requer tempo para se combater o eurocentrismo, uma nova resposta à resistência cultural das elites e de

outras culturas, principalmente, a dominante, assim como da cultura periférica, colonial e fundamentalista. (Dussel, 2005)

5. O saber ambiental das assentadas e dos assentados

O passo seguinte neste trabalho é refletir sobre o conhecimento ambiental dos assentados e assentadas do assentamento Pedro Inácio. Justifico este “corte”, pois compreendo que o MST é um movimento que, com a questão agrária como mote principal, não se resume a apenas conquistar a terra, mas possui preocupações socioambientais, pois como bem disse Casaldáliga, “Terra é muito mais que terra” e como afirma Caldart (2004), os Sem Terra com terra continuam na luta de terras, na busca de produzir nos assentamentos, na luta pela escola, saúde, cultura [e, acrescento, meio ambiente]. Abaixo, Leff complementa:

A problemática ambiental vem ressignificando as demandas e as lutas sociais no meio rural. As lutas camponesas estão transitando de seu caráter reivindicativo por emprego, salário e uma melhor distribuição da riqueza, assim como pela restituição às comunidades agrárias de suas terras para reverter o processo de empobrecimento do campo, a um movimento político e económico pela gestão de suas condições de vida e de seus processos produtivos. A questão ambiental reclama a preservação da base natural de recursos para uma produção sustentável, mobilizando as populações locais para a reapropriação de seus meios naturais de produção e de existência. Emanada daí uma nova visão da natureza, já não apenas como uma abstração ontológica da realidade, espaço de contemplação estética, ou condição geral de desenvolvimento sustentável, mas como um novo potencial produtivo, como um património histórico e cultural das comunidades rurais. (Leff, 2006: 470)

Sublinho que no *V Congresso Ibero-Americano de Educação Ambiental*, realizado em Joinville - Santa Catarina, em 2006, Edson Cadore, um dos responsáveis pela área ambiental do MST, afirmou que o MST surgiu de um conflito socioambiental, assumindo, então, se tratar de um movimento socioambiental.

Fernanda Ciandrini Mendonça, de nosso grupo de pesquisa, após identificar possíveis sujeitos ecológicos (ver Carvalho, 2004) no assentamento Pedro Inácio, durante o convívio de, aproximadamente, dois anos, através da pesquisa-ação (segundo Thiollent, 2004), e ter passado quatro dias no Assentamento, convivendo e fazendo uma oficina socioambiental com eles, traz como uma de suas conclusões na monografia *O Sujeito Ecológico e o MST* (2007) que necessariamente esses assentados e assentadas do Pedro Inácio não tiveram formação ambiental específica, mas com o olhar crítico que possuíam da sociedade e da vida no assentamento - tendo, naturalmente, o Movimento contribuído para isso - contextualizaram isso tudo à

questão ambiental, tornando-se sensíveis e com aguçada percepção ambiental, a ponto de serem considerados e consideradas como sujeitos ecológicos.

Durante a oficina ministrada por Mendonça, ela pôde perceber que:

A criatividade, a vontade de aprender, dialogar, de serem escutados, assim como, o espírito de cooperação, o conhecimento empírico e o respeito pela construção do conhecimento coletivo por parte dos(as) assentados(as) foram marcantes no decorrer desta intervenção. (Mendonça, 2007: 40)

Continua Mendonça:

Portanto, percebemos que o MST procura formar cidadãos com uma visão mais ampla de sua existência, adeptos a um conjunto de valores e crenças que indicam uma forma ambientalmente correta de viver, com autonomia de pensar a respeito do mundo, de suas vidas e das relações homem x natureza, natureza x homem e sociedade, contribuindo para a formação de sujeitos ecológicos. (Mendonça, 2007: 44)

No processo de diálogo, onde Mendonça ministrou a oficina socioambiental, nos quatro dias no Assentamento, ela solicitou que os seis assentados e assentadas revelassem quais as dificuldades e as potencialidades possuíam no Pedro Inácio em relação às questões socioambientais. Mendonça afirma:

As dificuldades citadas trouxeram aspectos como a falta de consciência e conhecimento por parte de alguns membros da comunidade, a não compreensão do homem como parte da natureza, a acomodação das pessoas, falta de união, falta de interesse em aprender, deficiência na higiene pessoal, falta de lazer, queimadas, deficiência do solo, lixo jogado em qualquer lugar e água não disponível nas casas. Embora tenham sido ressaltadas mais dificuldades, as potencialidades relacionadas foram encaradas como suficientes para resolução dos problemas, são elas: pessoas dispostas a ajudar, potencial criativo, a existência de trabalhadores sérios, o rio, a proximidade da BR facilitando o acesso ao Assentamento, núcleos de família unidos, infraestrutura e segurança. (Mendonça, 2007: 48)

Nesta mensagem pode-se perceber que os sujeitos ecológicos, assentados e assentadas, acreditam na comunidade local do assentamento, devido inclusive a forma como são organizados pelo Movimento - divididos em núcleos de famílias - somado ao potencial criativo que possuem e à seriedade como enfrentam a vida. Dessa forma, consideram que possuem condições de superar as dificuldades por eles e elas identificadas.

Esses sujeitos ecológicos Sem Terra lembram os mapuches, povos indígenas em defesa da baía de Maiquillahue no Chile, tanto na superação das dificuldades, quanto na relação do conhecimento com o meio ambiente, como pode-se ver em suas declarações:

The Mapuche culture and language derive meaning from nature. Mapuzung is a language that doesn't come from books, from the dictionaries and universities. It is a language that comes from natural resources, which are right here, a language that comes from the ocean. It speaks about the land about all the

natural resources. What would it be not to defend these places? It would be as if culturally dying. (Skewes e Guerra, 2004: 225)

Destaco, como lembra Skewes e Guerra (2004), que além dos mapuches, outros povos juntaram-se à mobilização da comunidade da baía de Maiquillahue, no sul do Chile, contra a empresa de celulose (CELCO) que pretendia construir uma tubulação de 20km para descarregar dejectos da fábrica no rio, reserva natural, desencadeando no oceano. A comunidade local possuía uma grande identidade com a área costeira, logo, passou a se mobilizar, criando a Comunidade de Defesa de Mehuín, com pessoas com diversas formações e profissões, pescadores, um de seus líderes, pessoas que haviam trabalhado em laboratório da Universidade, pequenos comerciantes, professores, povos diversos, índios e brancos, com distintas religiões - católicos, petenconstais, além dos Mapuches. A maioria da população, ou seja, 338 famílias, dependia da pesca. Por um lado, via-se a natureza como pertencimento da comunidade; por outro, a natureza vista como fonte de lucro, para os de fora da comunidade.

Destaca-se a importância tanto do conhecimento científico como religioso e empírico para que a comunidade pudesse vencer a difícil luta contra a usina de celulose, protegendo o meio ambiente, tendo uma visão de futuro, cuidando, também das gerações vindouras.

A comunidade apresentava uma diversidade de religiões que contribuíram para a luta contra a tubulação da usina de celulose. Houve grande influência da Igreja Pentecostal que demonstrou sua fúria com a Usina; a Católica expressou hostilidade com a tubulação - houve, inclusive, organização da "Cruz de Maio", celebração católica chilena. Panfletos foram criados levantando questões como: por que cristãos se oporiam à tubulação ou outra forma de contaminação ambiental, referendando-se na Gênese. O povo indígena Mapuche compreende o oceano como a terra. Segundo um mapuche "Somos conectados com o mar porque o mar é parte da vida, de nossa cultura, de nossa religião, de nossa sociedade" (Skewes e Guerra, 2004). Consideram ainda a existência de Espírito das árvores, das águas, da montanha, do oceano. Segundo eles, Mapuche é a língua que não vem dos livros, do dicionário, da universidade; vem dos recursos naturais, do oceano.

Duzentos pescadores da comunidade local combateram, com seu conhecimento empírico, um navio que Companhia havia contratado. No processo de luta houve pessoas com papel importante na mediação das relações interpessoais, no comitê criado pela própria comunidade.

Observo que pela diversidade de formação e de vivência das pessoas dessa comunidade, houve uma riqueza na confluência dos conhecimentos diversos. Por exemplo, os que estavam de fora se surpreenderam com o argumento científico que a comunidade apresentava. Devido a pertencerem a diversas religiões, houve uma forte ligação do conflito ambiental com os pressupostos religiosos.

A vinda do navio do Greenpeace trouxe um grande fortalecimento à comunidade. Houve mobilizações por parte de ONGs e movimentos sociais, inclusive, em outros países em prol da luta desta comunidade.

Essa reflexão me faz lembrar, também, de Chico Mendes, seringueiro brasileiro, que, a partir do conhecimento “local”, através dos *Empates*, reuniões com famílias de trabalhadores e trabalhadoras da Amazônia, propôs ao governo brasileiro reforma agrária que respeitasse os contextos sociais e culturais específicos, assim como a proposta de unidade de conservação onde não separasse o homem da natureza, em que a terra e a floresta fossem de uso coletivo, idéia comunitária inspirada nas aldeias indígenas (Gonçalves, 2008).

Meneses (2003) revela o trabalho que fez como consultora na África, através de um modelo semelhante ao do Norte, com uma lógica hegemônica do conhecimento, imposto de cima para baixo apesar de se denominar de modelo participativo, mesmo com todo autoritarismo, impondo regras e metodologia que excluem os outros saberes (leia-se saberes “locais, tradicionais, alternativos e periféricos”). Saberes “para” e “sobre” o outro. Só havia interesse pelo conhecimento “local”, apenas, o que pudesse ter utilidade. Tal experiência nos lembra, também, Ventura (2006) ao falar sobre as sociedades tradicionais africanas com os seus líderes locais e a relação com o Estado.

Há uma falta de interesse em escutar O OUTRO, em conhecer o outro, em respeitar o outro. Melendo (1998) diz que o ato de escutar é um ato de respeito. Paulo Freire, nordestino e educador, também aborda a importância da escuta por parte do educador ou da educadora (que podem estar em diversas funções sociais). Ainda afirma que: “Seria, realmente, uma violência, como de fato é, que os homens, seres históricos e necessariamente inseridos num movimento de busca, com outros homens, não fossem o sujeito de seu próprio movimento.” (Freire, 1988: 74)

O Norte precisa escutar o Sul. O Sul precisa escutar o Sul. Os seres humanos possuem vários saberes que precisam ser dialogados. Dialogar requer um grande esforço para considerar o outro como um “sujeito de seu próprio movimento” que tem muito o que falar. As linhas abissais precisam acabar.

Daí a importância de conhecer o conhecimento “local”, ou melhor, os conhecimentos locais, seus diversos saberes, suas práticas, a arte, a filosofia, a religião... os saberes que estão por vir.

6. Conclusões

O processo de construção deste trabalho contribuiu, de forma significativa, para eu, na condição de educador e pesquisador, fazer uma auto-reflexão sobre minha postura desempenhando tais funções, assim como na minha relação com comunidades, equivalentes à do assentamento Pedro Inácio. Muito mais do que trazer neste momento os conhecimentos do local, desperto-me para ir em busca e tentar desvendar mais os conhecimentos do povo daquele assentamento. Desvendar o conhecimento empírico, científico, artístico, religioso etc. Repito: mudei a idéia de que as assentadas e os assentados só possuem o saber popular; certamente, outros saberes surgirão, na continuidade da pesquisa, creio que alguns até inimagináveis.

Compreendo os estereótipos que, propositadamente, são gerados, como bem alerta Meneses, ao africano, assim como ao povo nordestino e aos assentados e às assentadas do MST. Implícita está a relação - e dominação - de poder social, político, económico e, destaque, epistemológico. Isso leva à produção de preconceito, localizando esses povos numa escala hierárquica inferior, como se não tivessem opinião própria, discernimento, visão de mundo ou conhecimentos. Por isto não os escutam, pois é perigoso! Em outras palavras: por estes processos de invisibilização, a hegemonia mantém-se.

Sei da dificuldade de enfrentar a hegemonia de uma ciência moderna ocidental que se coloca como onipotente e onipresente, como se fosse a única a trazer a “verdade”. Acredito que o diálogo é possível, como diz Paulo Freire, assim como, na ecologia dos saberes, como apresenta Boaventura de Sousa Santos. Essa verdade construída da Europa ser o centro do conhecimento vem sendo “combatida”, pois como sabemos, grandes pensadores constroem e expõem suas epistemes, sejam vindas da África, como Maria Paula Meneses, da Ásia, como Shiv Visvanathan, assim como da América Latina, com Grosfoguel e Dussel.

Não podemos esquecer que precisa de um tempo para destruir esse eurocentrismo, como nos alerta Dussel. Mas o nosso cotidiano deve ser sempre em busca da justiça cognitiva, combatendo o genocídio epistêmico.

As assentadas e os assentados do MST, assim como as sociedades tradicionais africanas e os povos da baía de Maiquillahue, no Chile, nos provam a infinidade de

conhecimento que possuem e a força no combate a essa ditadura do conhecimento ocidental - aliada à econômica e social. Mas cabe, também, a nós aprendermos a escutar bem mais esses povos. O ato de escuta só é possível, através de um diálogo. António Sousa Ribeiro (2005) nos alerta que se fala em diálogo, inclusive, nas relações verticais. Que saibamos compreender e fazer, de fato, o diálogo, pois não podemos esquecer, como diz Melendo (1998), de que o ato de escuta é um ato de respeito.

Por fim, este trabalho gerou em mim uma grande necessidade de dizer aos meus educandos e às minhas educandas que os assentados e as assentadas do Assentamento Pedro Inácio possuem muito mais que o saber popular. Preciso voltar ao Assentamento e escutar com bem mais cuidado aquele povo.

ⁱ Acredito que iniciei pesquisando *sobre* o MST, em busca dos meus interesses pessoais e, com o passar do tempo, *com* o MST, sempre na tentativa de escutá-lo, compreendê-lo e ajudá-lo.

ⁱⁱ As entrevistas foram realizadas no mês de Setembro de 2008, via internet.

ⁱⁱⁱ Encontra-se na página eletrônica www.reporterbrasil.org.br.

^{iv} É como é chamada a área do terreno onde cultivam a agricultura.

^v Entrevistei em 2008 duas pedagogas, alunas, na época, do curso superior Pedagogia da Terra, Tiana e Solange, que vivem no assentamento Pedro Inácio, para responderam o motivo que elas e as outras três foram selecionadas:

“Na verdade somos quatro meninas no nível superior: Solange, Maria José Rodrigues, Maria José Gomes e eu e uma no nível médio, Geysa, que é minha prima. Bom, fomos convidadas pelo setor de educação do movimento. Então, neste curso de Pedagogia da Terra tinham 60 vagas e elas precisavam ser preenchidas por estudantes que morassem em áreas de Assentamentos. Sendo assim, aceitamos o convite, fizemos uma seleção, que foi o vestibular e, felizmente, fomos aprovadas.” (Tiana, ainda, em 2008, estudante do curso de Licenciatura em Pedagogia). Outra pergunta que fiz foi por que só havia mulheres nos respectivos cursos, se tinham outras pessoas do Pedro Inácio que tiveram interesse em fazer e não foram selecionadas?

“Foi por acaso, coincidência. Este curso está direcionado para ambos os sexos, foi apenas coincidência... E em relação as pessoas selecionadas é como já falamos, no Assentamento poucas pessoas se interessavam em estudar em regime de alternância, devido as dificuldades que muitos encontravam, em se identificar com a educação. Assim, outras pessoas que poderiam fazer o curso, não se interessaram por causa do modo como ele funcionaria.” (Tiana e Solange, alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia, em 2008). Destaco que no regime de alternância, utilizado nos referidos cursos, os alunos passam um tempo na escola e outro tempo intervindo com os conhecimentos adquiridos, nos assentamentos ou acampamentos.

^{vi} No mês de Junho de 2008, um promotor do Rio Grande do Sul pede fim do MST - Matéria: Conselho de Promotores do RS pede fim do MST. Folha on line www1.folha.uol.com.br/folha/brasil, disponível em 24/06/08

^{vii} Quando levamos a turma de alunos, o almoço é no próprio Assentamento, com comida feita por assentadas, com produtos cultivados por eles no próprio assentamento.

^{viii} Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura (2004), *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. São Paulo: Cortez.
- CALDART, Roseli Salete (2004), *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular.
- DUSSEL, Enrique (2005), *Transmodernidad e interculturalidad: (Interpretación desde la Filosofía de la Liberación)*. UAM-Iz, México-México.
- FREIRE, Paulo (1988), *Pedagogia do oprimido*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (2003), *Pedagogia da autonomia*. 28ª ed. São Paulo: Paz e Terra.
- GROSFUGUEL, Ramón (2008), “Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global”, *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 80, 115-147.
- LEFF, Enrique (2006), *Racionalidade ambiental: a reapropriação social da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- MELENDO, Maite (1998), *Comunicação e integração pessoal*. São Paulo: Paulinas.
- MENDONÇA, Fernanda Ciandrini (2007), *O sujeito ecológico e o MST*. Monografia do curso Gestão Ambiental. Centro Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco - CEFETPE. Recife.
- MENESES, Maria Paula (2007), “Os espaços criados pelas palavras: racismos, etnicidades e o encontro colonial”, in Nilma Gomes (org.), *Um olhar além das fronteiras: Educação e relações raciais*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MENESES, Maria Paula (2003), “Agentes do conhecimento? A consultoria e a produção de conhecimento em Moçambique”, in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Conhecimento Prudente para uma vida decente*. Porto: Afrontamento, 683-715.
- MIGNOLO, Walter (2003), *Historias locales/ diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Editorial Akal.
- NETO, João Cabral de Melo (2007), *Morte e vida severina*. São Paulo: Nova Fronteira.
- RIBEIRO, António Sousa (2005), “A Tradução como Metáfora da Contemporaneidade. Pós-Colonialismo, Fronteiras e Identidades”, in Macedo, Gabriela; Keating, Maria Eduarda (org.), *Colóquio de Outono. Estudos de Tradução. Estudos pós coloniais*. Braga: Universidade do Minho: 77-87.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2007), *Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Portugal, 2007.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2006), *A gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo: Cortez.

SKEWES, Juan Carlos; GUERRA, Debbie (2004), "The defense of maiquillahue bay: knowledge, faith, and identity in an environmental conflict", *Ethnology*, 43, 3, 217-231.

THIOLLENT, Michael (2004), *Metodologia da pesquisa-ação*. 13ª ed. São Paulo: Cortez.

VALENÇA, Marcos Moraes; MENDONÇA, Fernanda Ciandrini; GONÇALVES, Maria José (2006), "Da sala de aula para o assentamento", *Cadernos Temáticos*. Ministério da Educação, Vol. II. Brasília-DF.

VENTURA, Albert Farré (2006), "Estado moderno y autoridades tradicionales en Mozambique: ¿Cuánto de pragmatismo y cuánto de diálogo real en todo un siglo de relaciones?", *Actas do V Congreso Ibérico de Estudios Africanos*, publicadas em versão electrónica em [www.ces-ubi.com/actas/economia e relações internacionais](http://www.ces-ubi.com/actas/economia_e_relacoes_internacionais) (Covilha 5-7 de Mayo de 2006).

VISVANATHAN, Shiv (2004), "Convite para uma guerra da ciência", in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Conhecimento prudente para uma vida decente: 'um discurso sobre as ciências' revisitado*. São Paulo: Cortez, 717-734.

VISVANATHAN, Shiv (2003), "Cultural Encounters and the Orient: a study in the politics of knowledge", *Diogenes*, 50, 4, 69-81.

Páginas Eletrônicas:

- "Armas não atiram rosas" www.reporterbrasil.org.br. Disponível em Junho/2008

- Gonçalves, Carlos Walter Porto (2008), "Chico Mendes: memória de um ecossocialista", disponível em http://www.ces.uc.pt/bss/documentos/chico_mendes_2005.pdf, acessado em 20/04/08.

- Conselho de Promotores do RS pede fim do MST. Folha on line www1.folha.uol.com.br/foalha/brasil/ult96u415540.shtml, disponível em 24/06/08

- Cd *Terra* - Chico Buarque de Holanda, música Assentamento.